

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O MÉTODO FÔNICO****ALPHABETIZATION AND LITERACY: A CRITICAL VIEW ON THE PHONIC METHOD****ALFABETIZACIÓN Y LITERACY: UNA OPINIÓN CRÍTICA SOBRE EL MÉTODO FÓNICO**

Anna Katharina Barbato Marinho  
Licenciatura em Pedagogia- Faculdades Integradas de Jaú  
E-mail: a.kathi@hotmail.com

Cintia Milene Favaro Bochembuzio  
Docente das Faculdades Integradas de Jaú  
E-mail: cintiamfavaro@gmail.com

**RESUMO**

Este estudo tende a contribuir para melhorar a qualidade do processo de alfabetização, compreendendo-o como aliado aos estudos de letramento, partindo da necessidade de discutir a importância dos métodos de alfabetização, com uma análise específica para as características do método fônico. Nos últimos anos, as avaliações externas vêm mostrando que as taxas de analfabetismo continuam altas, mesmo com tanta evolução na educação. Pesquisadores têm buscado respostas e soluções para o mau desempenho das crianças na fase de alfabetização. O atual documento voltado para a educação inicial, a Política Nacional de Alfabetização, tem sido alvo de bastantes críticas por enfatizar o método fônico, considerado tradicional, porém ele tem tido bons resultados em países desenvolvidos. O presente trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, abordando temas como alfabetização, letramento, método fônico e a Política Nacional de Alfabetização. Assim, este trabalho busca trazer uma análise da PNA, destacando as características do método fônico, suas vantagens e desvantagens.

**Palavras - chave:** Alfabetização. Letramento. Método Fônico.

**ABSTRACT**

This study tends to contribute to improve the quality of the literacy process, understanding it as an ally to literacy studies, starting from the need to discuss the importance of literacy methods, with a specific analysis of the characteristics of the phonic method. In recent years, external evaluations have shown that illiteracy rates remain high, even with so much progress in education. Researchers have been looking for answers and solutions for this poor performance of children in the literacy phase. However, with the current document aimed at education, the National Literacy Policy, there was a lot of criticism about the phonic method. As it is considered traditional, however, it has had good results in developed countries. The present work is the result of a qualitative research with a bibliographic review, covering themes such

as literacy, literacy, phonic method and the National Literacy Policy. Therefore, this work seeks to bring an analysis of the PNA, highlighting the characteristics of the phonic method, and its advantages disadvantages.

**Keywords:** Alphabetization. Literacy. Phonic Method.

## RESUMEN

Este estudio tiende a contribuir a mejorar la calidad del proceso de alfabetización, entendiéndolo como un aliado de los estudios de literacy, partiendo de la necesidad de discutir la importancia de los métodos de alfabetización, con un análisis específico de las características del método fónico. En los últimos años, las evaluaciones externas han demostrado que las tasas de analfabetismo siguen siendo altas, incluso con tantos avances en educación. Los investigadores han estado buscando respuestas y soluciones para el bajo rendimiento de los niños en la fase de alfabetización. El actual documento dirigido a la educación inicial, la Política Nacional de Alfabetización, ha sido objeto de considerables críticas por enfatizar el método fónico, considerado tradicional, pero que ha tenido buenos resultados en los países desarrollados. El presente trabajo es el resultado de una investigación cualitativa con revisión bibliográfica, cubriendo temas como alfabetización, literacy, método fónico y la Política Nacional de Alfabetización. Así, este trabajo busca traer un análisis del PNA, destacando las características del método fónico, sus ventajas y desventajas.

**Palabras clave:** Alfabetización. Literacy. Método fónico.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com avaliações nacionais que apontam índices de leitura e escrita, muitas crianças, jovens e adultos têm mostrado baixo desempenho no seu desenvolvimento escolar. Dessa forma, pesquisadores e educadores vêm buscando meios para justificar e superar esse resultado considerado insatisfatório.

Diante desses estudos, diversos autores, como Soares, Ferreiro, Capovilla e Tfouni, questionam os métodos de alfabetização utilizados e sua eficácia para a aprendizagem. O que se vê na realidade brasileira é que muitos professores utilizam métodos tradicionais, tidos como ultrapassados, sem inová-los ou adequá-los ao atual contexto dos estudantes, consequentemente fazendo com que os alunos percam o interesse e o seu desempenho esteja abaixo do esperado.

Com todas as mudanças que vêm ocorrendo na nossa sociedade, é importante que o método escolhido pelo professor garanta aos alunos uma aprendizagem que envolva o letramento junto com a alfabetização, pois os pesquisadores da área acreditam que esse processo ocorre no momento em que a criança, o jovem ou o adulto passam a compreender que cada letra possui um som e que é preciso representá-lo conforme nosso sistema de escrita alfabética. O letramento, por sua vez, consiste em explorar o mundo da escrita, de forma crítica, ou seja, esse

processo exige que se vá além do ato de codificar e decodificar. Nessa compreensão ampla do ler e escrever, as crianças vão desenvolver uma consciência leitora crítica e uma escrita autônoma para poder atuar socialmente como um cidadão ativo.

Considerando que o letramento precisa caminhar junto ao processo de alfabetização, surge o questionamento: o método fônico, que é tão criticado, por ser considerado tradicional, seria eficiente para o sucesso da alfabetização e do letramento? Assim o presente estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, abordando temas como alfabetização, letramento, método fônico e a Política Nacional de Alfabetização, com foco, principalmente, nos teóricos Magda Soares, Alessandra Capovilla, Fernando Capovilla e Leda Tfouni. Apresenta ainda uma análise das características do método fônico, destacando suas vantagens e desvantagens para o processo de alfabetização e para o desenvolvimento das práticas do letramento.

A educação deve buscar o desenvolvimento pleno do indivíduo. A alfabetização é de grande importância para o sucesso desse processo e, junto com o letramento, permite que as crianças e adultos evoluam de forma a construir seu próprio conhecimento e hipóteses, assim desenvolvem autonomia e consciência crítica. Além disso, através de avaliações externas de aprendizagem, foi identificado um fracasso escolar relacionado à leitura e escrita. Isso se deve, entre outros fatores, ao excesso de teorias e métodos aplicados sem embasamento, o que justifica o presente estudo sobre a importância dos métodos de alfabetização, com uma análise específica das características e benefícios do método fônico.

O artigo foi redigido em quatro tópicos. O primeiro trata das definições de diversos teóricos acerca de alfabetização e letramento, mostrando a importância de ambas na educação. Aborda também o desempenho dos alunos na alfabetização, destacando pesquisas realizadas pela Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) e Instituto Nacional de Analfabetismo Funcional (INAF), mostrando que a taxa de analfabetos no Brasil continua alta diante do longo histórico de desenvolvimento da educação brasileira.

Diante do mau desempenho nas avaliações externas e na tentativa de compreender o que tem gerado essa realidade, o segundo tópico traz as principais características dos métodos de alfabetização, apontando as etapas dos principais métodos analíticos, assim como os sintéticos.

A terceira parte expõe uma pequena análise da Política Nacional de Alfabetização (PNA), visto que é um documento recente, que gerou muitas críticas pelo método escolhido

como modelo para alfabetizar, o fônico, considerado por muitos um método inadequado e tradicional.

Diante de tais críticas, o quarto tópico trata das vantagens e desvantagens do método fônico, apontando ainda as etapas essenciais da alfabetização contidas na PNA, com possíveis atividades para serem trabalhadas em cada etapa.

Assim este estudo pretende contribuir para melhorar a qualidade do processo de alfabetização, partindo da necessidade de discutir a importância dos métodos, com uma análise específica para as vantagens e desvantagens do método fônico.

## 2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Muitos autores estudam o tema da alfabetização há décadas, mas alguns estudiosos se destacam ao definir a alfabetização e discutir a questão dos métodos. Para Soares (2003), a alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, ou seja, a ação de alfabetizar consiste em ensinar o sistema alfabético e em aprender a tecnologia da escrita.

Em concordância, Tfouni (2010) traz a definição de alfabetização relacionando ao letramento. Para a autora, alfabetização é a aquisição da escrita por um indivíduo, ou seja, o processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e a escrita; em complemento, o letramento é o processo de aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura e escrita, as chamadas práticas de linguagem.

Na decorrência dos atuais estudos em relação à alfabetização e letramento, muitos autores chegaram à conclusão de que são dois processos diferentes, no entanto são inseparáveis. Segundo Soares (2004, p. 14), é preciso compreender:

A aquisição do sistema convencional de escrita - a alfabetização- e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o letramento. [...] A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema- grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Dessa forma, quando se discute alfabetização e letramento, é preciso ter clareza da relação entre ambas e da atualidade da junção desses processos para o ensino da leitura e da escrita. De acordo com Tfouni (2010), os sistemas de escrita são um produto cultural, enquanto a alfabetização e letramento são processos de aquisição de um sistema escrito. Em vista disso,

a escrita foi essencial para o surgimento das sociedades modernas e desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial.

O letramento está associado também à fluência da leitura e adequação da escrita em variadas situações de comunicação. A leitura frequente, de acordo com Neves (2007, p.15), pode ajudar a “criar familiaridade com o mundo da escrita, quem lê tem maior proximidade com a escrita e conseqüentemente menos erros de grafia”. A leitura é um aliado para escrita; ou seja, é um recurso essencial para alfabetizar. Além disso, as instituições escolares têm como finalidade possibilitar aos alunos ambientes especializados e levar o professor a refletir sobre as práticas de leituras que estimulam e desafiam os alunos com diferentes gêneros textuais.

As avaliações externas de leitura e escrita dos últimos anos, tais como Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), também conhecida como Prova Brasil; Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA); Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mostraram que os alunos de quinto e nono anos (quarta e oitava séries) do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio tiveram um mau desempenho. Em uma dessas avaliações, o Brasil ficou em 32º lugar, a última posição. As causas que se destacam para justificar tal desempenho são: ambiente permissivo em casa, problemas familiares, falta de um método de qualidade, estresse pós-traumático, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e outros transtornos de aprendizagem. O foco deste trabalho não é a busca por culpados ou justificativas para o baixo desempenho, mas a discussão das conseqüências para possibilitar a compreensão de possíveis soluções.

A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) mede a relação de alfabetização e letramento em língua portuguesa, mas também a alfabetização matemática. Foi aplicada em 2016 para alunos do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas, que realizaram testes de leitura, escrita e matemática, gerando resultados de desempenho apresentados em três escalas de proficiência: em Leitura, em Escrita e em Matemática.

A maioria dos alunos que realizaram a ANA encontra-se nos níveis 2 e 3 da escala de leitura. No nível 2, as crianças conseguem fazer uma compreensão de textos simples, levando em consideração as características do gênero, e o resgate de informações contidas nele, principalmente no título ou na frase inicial. No nível 3, além do entendimento de textos mais longos e complexos, também é preciso demonstrar habilidades para relacionar diversas informações contidas no texto, por exemplo, ter a compreensão do sentido de uma expressão ou palavras e identificar o assunto central em textos verbais (aqueles que usam as palavras como

forma de comunicação oral ou escrita) e não verbais (aqueles que utilizam outras formas de comunicação, tais como imagens, tabelas, gráficos, entre outros).

Já no quesito escrita, a maioria dos alunos se encontra no nível 4, no qual as crianças apresentam uma escrita ortográfica com diferentes estruturas silábicas; na produção textual costumam atender ao que se pede na proposta de continuar uma narrativa, porém às vezes eles podem não se atentar a todas as características da narrativa ou da história; ainda podem cometer alguns desvios que comprometem parte da narrativa, por conta de não utilizar a pontuação corretamente.

Esses dados da ANA (2016) demonstram o baixo desempenho de leitura e escrita. Apontam que 54,73% dos alunos do 3º ano do ensino fundamental têm dificuldade em leitura, ou seja, apresentam ser “incapazes de localizar informação explícita em textos simples de até cinco linhas e de identificar a finalidade de textos” (BRASIL, 2019, p. 10). Quanto à dificuldade de escrita, 33,95% dos alunos avaliados estão no nível 1, 2 ou 3: “não conseguem escrever ‘palavras alfabeticamente’ ou as escrevem com desvios ortográficos. Quanto à escrita de textos[...] são absolutamente incapazes de escrever um texto curto” (BRASIL, 2019, p. 10).

Uma pesquisa realizada em 2018 pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) mostra que houve uma queda nos números de analfabetos funcionais de 2000 até 2018, quando os números passaram de 39% para 29%. Segundo Lima (2018, p.58) esses números “não tem correspondido a avanço na ‘qualidade de educação’, capaz de promover o domínio de habilidades de letramento”. Pois a mesma pesquisa mostra que os alunos têm permanecido na escola por mais tempo, ou seja, passou a ter um aumento de repetência, por falta de prática de leitura.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não especifica qual abordagem os professores devem seguir, mas traz as habilidades e competências que os alunos têm que desenvolver em cada ano da educação básica. Além disso, pode-se observar que algumas habilidades e competências focam na relação entre fala e escrita; como sugere muitos especialistas em alfabetização. É importante uma abordagem que trabalhe com as práticas de leitura e escrita, priorizando o texto como objeto de ensino, mas que também permita uma reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, trabalhando a consciência fonológica e contribuindo para a evolução da criança em suas hipóteses de escrita (RICO, 2017).

Esse é o ponto essencial para que o professor busque alternativas, auxilie seus alunos a desenvolverem habilidades de leitura e escrita, contribuindo, conseqüentemente, para um bom desempenho ao longo da vida escolar.

### 3 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Estudos realizados por Ferreiro e Teberosky (1986) permitem ao educador considerar os seus conhecimentos de forma que as atividades propostas focalizem a construção do conhecimento de cada sujeito aprendiz, afinal ensinar é muito mais do que copiar estratégias bem sucedidas. O importante é que a reflexão sobre a alfabetização concentre-se em “como ensinar”, partindo do “como aprender”.

É notório que ainda há muitos professores que ficam presos em livros didáticos, esquecendo-se dos aspectos sociais, individuais e também linguísticos. A relação dialógica e a interação trazem um ambiente em que se discute, questiona e reflete, estimulando o mundo letrado. O professor deve se atentar às produções de seus estudantes, deve investigar como eles estão pensando o percurso da escrita. Trata-se de um caminho árduo, cheio de desafios, hipóteses e conquistas. No processo de alfabetização, é fundamental inserir nas práticas de sala aula o texto literário, as narrativas e também priorizar a diversidade de gêneros textuais, pois o ato de alfabetizar é composto pela reinvenção da linguagem, a expressão da subjetividade e as singularidades próprias do código escrito (VARELLA, 2001).

Diante desses aspectos, cabe discutir as possibilidades de ensino e aprendizagem no que tange aos métodos de alfabetização.

No Brasil, ao final do Império, o primeiro método de alfabetização teve como base um modelo sintético (da parte para o todo, ou seja, métodos que começam pelas unidades menores para chegar às unidades maiores). Sebra e Dias (2011) destacam que esse método traz como principal característica as correspondências fonográficas. De acordo com Frade (2005, p. 22), o método sintético é baseado na “compreensão do sistema de escrita e se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita, ou seja, a análise fonológica”.

Essa tendência de considerar as partes menores como base para a alfabetização é separada basicamente em três métodos, de acordo com a unidade em que se concentra as atividades iniciais para o desenvolvimento da leitura e da escrita: o método alfabético ou

soletração (tem como unidade a letra); o método fônico ou fonético (tem como unidade o fonema); e o método silábico (tem como unidade a sílaba). Sebra e Dias (2011) explicam que o ensino e a aprendizagem pelos métodos sintéticos levam à decodificação ou decifração, uma vez que se constrói na relação da letra (grafema) com o som de sua pronúncia (fonema).

Muitos educadores criticam esses métodos, por ensinarem a ler e escrever através das partes isoladas, sem significação, impossibilitando, conforme Francioli (2013, p. 4), “uma melhor compreensão e análise, conseqüentemente prejudicava a produção de textos”. Porém, o ponto positivo é a fixação da ortografia, que os alunos adquirem de forma satisfatória por centrar-se em um ensino de regras e repetições.

Os métodos sintéticos são associados à forma tradicional de se alfabetizar, por isso ainda são vistos com receio por muitos educadores que entendem ser impossível vincular um método tradicional à vertente construtivista, a qual é considerada a perspectiva mais moderna e autônoma para a construção do conhecimento.

O método analítico surgiu por volta do século XIX, provavelmente em 1890. Em contraponto aos métodos sintéticos, os analíticos iniciam do todo para as partes (FRANCIOLI, 2013), sem ter o foco nas unidades menores. Os métodos analíticos partem de elementos mais amplos, como a análise da palavra, a frase ou o texto. Buscam trabalhar a compreensão, pois, de acordo com Frade (2005, p. 22) “a linguagem escrita deve ser ensinada à criança respeitando-se sua percepção global dos fenômenos e da própria língua”.

Os métodos analíticos podem centrar-se na: Palavração (a base é a palavra, que é composta para a formação de frases e decomposta para o estudo das unidades menores); Sentencição (o aluno visualiza e memoriza as palavras de uma sentença para formar novas palavras e frases); Global (concentra-se em entender que ler é descobrir o que está escrito, decompondo pequenas histórias em partes cada vez menores).

Os defensores desses métodos acreditam que é necessário “adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção”, como afirma Francioli (2013, p.4). Assim, reconhecendo a importância de uma aprendizagem significativa e da contextualização dos elementos estudados, surgiu a necessidade de trabalhar a alfabetização junto com o letramento, considerados em uma perspectiva construtivista.

Por volta de 1980, essa concepção chegou ao Brasil por meio de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com a teoria da “psicogênese da língua escrita”, propondo uma mudança na prática de alfabetização. Na teoria construtivista, o aluno é o protagonista do processo de



aprendizagem, desenvolvendo-se na interação social e na exposição a materiais e atividades adequados ao seu nível de leitura e escrita. Dessa maneira o professor não deveria tentar ensinar a língua escrita de maneira repetitiva e com exposição contínua a regras; pois, como explica Frade (2005, p. 6), “o domínio da língua escrita seria resultante da aprendizagem espontânea e não do ensino”. Para Soares (2003, p. 4), a teoria do Construtivismo:

nos trouxe algo que não sabíamos. Permitiu-nos saber que os passos da criança, e sua interação com a escrita, são dados numa direção que permite a ela descobrir que escrever é registrar sons e não coisas. Então, a criança vai viver um processo de descoberta: escrevemos em nossa língua portuguesa e em outras línguas de alfabeto fonético registrando o som das palavras e não aquilo a que as palavras se referem. A partir daí a criança vai passar a escrever abstratamente, colocando no papel as letras que ela conhece, numa tentativa de, realmente, escrever.

Logo, o Construtivismo não pode ser considerado um método de alfabetização, mas é uma teoria importante para que o método escolhido possa ser aplicado de maneira eficiente. Os métodos de alfabetização continuam em discussão entre os educadores, pois ainda há aqueles que pensam no ato de alfabetizar como a prática de decodificar e codificar, ou seja, entende-se a alfabetização como a mera relação entre grafema e fonema.

Cabe ressaltar ainda que, atualmente, os métodos mencionados passaram a ser repensados e aplicados concomitantemente, sendo muito comum o denominado método sintético-analítico, que apresenta variações e junções dessas teorias. No entanto sempre deve haver o cuidado de conhecer a teoria de forma aprofundada para que a prática em sala de aula não seja um laboratório de atividades aleatórias, baseadas em tentativa e erro.

#### **4 POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO**

Diante das discussões e pesquisas realizadas sobre a alfabetização, além dos últimos resultados das avaliações externas (aqui já discutidos), o Ministério da Educação junto com a Secretaria de Alfabetização divulgaram em 2019 a Política Nacional de Alfabetização, que “busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro” (BRASIL; 2019, p.7).

Os problemas no desempenho da alfabetização estão relacionados a vários fatores educacionais, sociais, econômicos e políticos. Os métodos e as práticas consistem apenas em um dos problemas, porém os educadores podem buscar meios para melhorar suas estratégias de ensino. A PNA vem para complementar os outros documentos, como o PNE (Plano Nacional

de Educação), e deve ser vista não como solução, mas como uma possibilidade de padronizar e direcionar o processo de alfabetização.

Os objetivos da PNA relacionam-se às mesmas metas que o PNE estabelece para a alfabetização:

META 5: alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.

META 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional (BRASIL, 2019, p. 40).

Embora esteja voltada ao PNE, a base da PNA foi construída com pesquisas realizadas nos Estados Unidos, que consolidam o método fônico como o mais adequado para alfabetizar, pois “foram identificados cinco pilares para uma alfabetização de qualidade: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência de leitura, o vocabulário e a compreensão de textos.” (BRASIL, 2019, p. 16). Porém, há controversas. Peres (2019) destaca que, “enquanto especialistas e professores tentam encontrar caminhos de conciliação entre diferentes abordagens com foco na aprendizagem dos alunos, a proposta do governo vem na contramão, impondo um método exclusivo”.

Muitos alfabetizadores também acreditam que a PNA é uma destruição aos avanços da alfabetização das últimas décadas, por priorizar um método sintético, considerado ultrapassado. No entanto, nota-se que a PNA procura basear-se em evidências científicas, mostrando que é possível aprimorar o método fônico, aplicando-o de acordo com as novas vertentes construtivistas.

Perante as dificuldades apresentadas pelos estudantes nos anos iniciais de escolarização, a PNA aponta que seja “crucial no processo de alfabetização” que a criança ou até mesmo o adulto perceba que as letras do alfabeto não são apenas sinais gráficos, e sim que representam sozinhas, ou em um conjunto de sílabas, os fonemas da fala; ou seja, é fundamental que o aluno entenda o princípio alfabético, que é a base da consciência fonêmica (BRASIL, 2019, p. 18).

Soares (2003, p.17) entende que aprender a “ler e escrever é aprender fonemas e grafemas”. E ambos são a base do método fônico. A autora afirma ainda que esse método é visto como uma técnica desprestigiada, porém é preciso ser feita, mesmo se for por meio de método inadequado.

Embora haja muitas críticas ao método fônico, pesquisas demonstram que o método tem tido bons resultados nos últimos anos e, portanto, não é inadequado, possivelmente esteja sendo aplicado incorretamente ou só é preciso: “investir melhor, em métodos e materiais comprovadamente eficazes. E para alfabetização no Brasil, até o presente só há um método e um material com eficácia cientificamente comprovada: o método fônico”. (SEBRA; CAPOVILLA, 2010, p.39)

Quando o aluno compreende as relações grafema/fonema, desenvolve habilidades necessárias para ler e escrever. Esse processo faz com que o cérebro crie um caminho ligando o processo visual com o fonológico ou vice-versa, ou seja, ao visualizar uma palavra escrita “ativa no cérebro as mesmas áreas que uma palavra quando é ouvida” (BRASIL, 2019, p. 26). Assim, os documentos da educação incentivam a trabalhar com a consciência fonológica, pois ela desenvolve a relação entre grafema (visual) e fonema (sonoro), fazendo ativar a mesma área do cérebro quando está aprendendo uma palavra, letra ou sílaba.

Todavia, é possível notar que a maioria das críticas em torno da PNA diz respeito ao método escolhido, ou seja, o método fônico, apresentado de forma que “os problemas da alfabetização no Brasil serão superados com um novo ‘método’, o fônico/ instrução fônica” (MORTATTI, 2019, p.27). Nesse sentido, vale ressaltar que há vários fatores que envolvem o mau desempenho dos alunos e o analfabetismo.

Os profissionais da educação e os documentos têm os mesmos objetivos, portanto é possível aliar as diretrizes nacionais às boas práticas em sala de aula, para tentar aplicar o método fônico, de modo adequado, em uma perspectiva construtivista e com auxílio das tecnologias de comunicação e informação. Com esse diálogo, talvez haja alguma mudança positiva no desempenho dos alunos em leitura e escrita, contribuindo também para a diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil.

## 5 MÉTODO FÔNICO: PRÓS E CONTRAS

O método fônico caracteriza-se por ensinar, inicialmente, os sons das letras (fonemas) e não o nome ou a forma de escrita. O processo de alfabetização passa a ensinar como reorganizar os fonemas para conseguir uma pronúncia completa das palavras e até de frases, “de forma gradual, com complexidade crescente e à medida que a criança for adquirindo habilidade” (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2004, p. 85). Assim, esse método parte do simples

para o mais complexo, de uma unidade mínima de som (o fonema) para o reconhecimento das letras, depois para a construção de sílabas, palavras, frases e textos. O método fônico auxilia o aluno a diferenciar os sons das letras para juntá-los em sílabas e, em seguida, formar palavras. Nesse processo, as crianças vão desenvolvendo as habilidades necessárias para a leitura e a escrita de textos.

A principal estratégia do método fônico é a consciência fonológica, que se inicia com atividades sistemáticas a fim de despertar a consciência dos sons. Em seguida, desenvolve a codificação e decodificação, na relação entre sons e letras. Ocorre dessa maneira porque “a escrita exige do indivíduo um conhecimento fonológico e fonêmico consciente para viabilizar o entendimento das correspondências entre as classes de sons e os grafemas, permitindo a segmentação da sílaba, necessária nos sistemas alfabéticos” (MASCARELLO; PEREIRA, 2014, p. 7). É, portanto, a partir da exploração do som da fala que a criança começa a compreender a relação entre o som e a escrita. Em concordância, Zorzi e Capellini (2009, p.154) acreditam que é explorando o som que a criança:

Pressupõe a compreensão de que os sons da fala transformam-se em letras e que as letras representam sons. Graças a este entendimento são gerados os mecanismos de leitura (letras transformam-se em sons) e os de escrita (sons transformam-se em letras).

Por esse motivo que a consciência fonológica, de maneira ampla, e especificamente a consciência fonêmica formam a base do método fônico, que explora os sons de cada letra e trabalham a relação entre a escrita (grafema) e o seu som (fonema).

A PNA prevê algumas etapas para a aplicação do método fônico, pois para um indivíduo se tornar alfabético não basta ensinar a relação entre grafema e fonema, é também necessário fazer com que ele desenvolva “fluência oral, a ampliação do vocabulário, as estratégias de compreensão de textos e outras habilidades e conhecimentos” (BRASIL, 2019, p. 32) que são adquiridos ao longo do ensino fundamental I.

A primeira etapa mencionada no documento é a consciência fonêmica, que pode ser entendida como “o conhecimento consciente das menores unidades fonológicas da fala (fonemas) e a capacidade manipulá-las intencionalmente” (BRASIL, 2019, p. 33). Assim, começa com o trabalho de explorar o som de cada letra, identificando-o e manipulando-o. Esse processo pode ser inserido na Educação Infantil, de forma lúdica apresentando vários sons, por exemplo, campainha, sino, palmas, porta fechando, miado de gato, despertador, entre outros. Para os alunos identificarem quais sons são e de onde vem. Outra forma é por meio de uma

leitura ou teatro de fantoches, em que o professor fala trocando alguma letra (fonema) da palavra, por exemplo, em vez de dizer /menino/ fala /benino/, levando as crianças a corrigir a fala do narrador.

Após os alunos estarem conseguindo identificar os sons, inicia-se uma segunda etapa, trabalhando a consciência fonêmica junto com a instrução fônica sistemática, que consiste em levar “a criança a aprender as relações entre as letras (grafemas) e os menores sons da fala (fonemas)” (BRASIL, 2019, p. 33). Ou seja, o professor passa a desenvolver atividades sistemáticas para conduzir as crianças à compreensão de que cada fonema é representado por uma ou mais letras (grafemas). Dessa forma, esse processo pode ser inserido também desde a Educação Infantil.

Ambos os processos vão trabalhar explorando os sons, fazendo o aluno reconhecer diferentes fonemas; desenvolver a consciência da formação de palavras (sílabas) e frases (palavras); perceber sons iniciais (aliteração) e finais (rimas) iguais ou parecidos; isolar fonemas e uni-los para a construção de palavras; e perceber que a troca de um fonema consiste na formação de outras palavras.

O método fônico considera que a criança, o jovem e até o adulto precisam ter esse conhecimento fonológico para poder dar continuidade ao processo de alfabetização, isto é, para seguir as próximas etapas, sugeridas pela PNA, que são o vocabulário e a fluência em leitura oral, neles o princípio alfabético começa a ser aplicado, trabalhando com as letras. Segundo Nicolau (2020), o princípio alfabético é:

O uso de letras (grafemas) para representar os sons (fonemas). A descoberta do fonema é a chave para compreensão do princípio alfabético, isto é, descobrir o fato de que as palavras são formadas por fonemas (sons menores do que a sílaba) e que os fonemas, por sua vez, são representados por grafemas (letras), para aprender a decodificar, ou seja, aprender as relações entre os fonemas e os grafemas que os representam para extrair o som das palavras escritas (NICOLAU, 2020).

O princípio alfabético consiste em entender que as palavras são formadas por sons (fonemas) que são representadas por letras (grafemas). A partir da concretização dessa ideia, é possível desenvolver a fluência em leitura oral, que “é a habilidade de ler um texto com velocidade, precisão e prosódia. A fluência libera a memória do leitor, diminuindo a carga cognitiva dos processos de decodificação para que ele possa concentrar-se na compreensão do que lê” (BRASIL, 2019, p.33). Dessa forma, depois dos alunos conhecerem as letras e seus

sons, começa o trabalho de ler palavras ou até mesmo frases, ampliando o seu vocabulário. De acordo com a PNA:

Pode-se desenvolver o vocabulário indiretamente, por meio de práticas de linguagem oral ou de leitura em voz alta, feita por um mediador ou pela própria criança; ou diretamente, por meio de práticas intencionais de ensino, tanto de palavras individuais, quanto de estratégias de aprendizagem de palavras (BRASIL, 2019, p. 34).

Um exemplo de atividade ampliar o vocabulário é a prática de ditado, por meio dele as crianças vão perceber os erros grafofônicos e corrigi-los, além de poder ser inseridos novos vocábulos do mesmo campo semântico que está sendo trabalhado. Também deve-se continuar realizando atividades em que o aluno vai perceber que pode trocar as letras ou substituí-las para escrever novas palavras.

Ao passar por esses quatro processos, a criança, jovens e adultos vão adquirir habilidades importantes de compreensão e produção de textos, melhorando seu desenvolvimento em leitura e escrita. A PNA (BRASIL, 2021) apresenta então essas últimas etapas do processo de alfabetização:

O quinto componente é a **compreensão de textos**. Trata-se de um processo intencional e ativo, desenvolvido mediante o emprego de estratégias de compreensão. Já o sexto e último componente, **produção de escrita**, diz respeito à habilidade de escrever palavras e de produzir textos. Este componente envolve diferentes níveis: a caligrafia, a ortografia, a consciência sintática e o escrever e redigir (GRIFOS DO AUTOR).

O professor pode trabalhar esses dois processos com uma leitura ou contação de histórias, e até mesmo outros gêneros textuais. Essa leitura pode ser feita pelo professor ou pelo próprio aluno, e em seguida os alunos vão ter que recontar a história, com os principais fatos e o que entenderam da história. A atividade pode ser feita oralmente ou por produção escrita. A escrita também pode ser trabalhada com a leitura do professor interrompida em um dado momento para que os alunos produzam um final para a história.

O método fônico pode ser trabalhado de forma variada, usando a tecnologia, jogos ou outros meios para ajudar a criança a desenvolver as habilidades necessárias para ler e escrever com mais facilidade, trabalhando de forma lúdica e significativa.

Todos os métodos, tanto os analíticos como os sintéticos, possuem vantagens e desvantagens. Muitos educadores criticam o método fônico por ele ser considerado um método tradicional e ultrapassado, pois rejeitam uma “ordem hierárquica” e sistemática de habilidades para desenvolver a leitura e a escrita, ou seja, acreditam que a aprendizagem da leitura e escrita

se dá pela interação da criança com a língua escrita. De acordo com Soares (2003, p.3), “interagindo com a escrita, a criança vai construindo o seu conhecimento, vai construindo hipóteses a respeito da escrita e, com isso, vai aprendendo a ler e a escrever numa descoberta progressiva”. No entanto, a mesma acredita também que para aprender a ler e escrever é necessário aprender fonemas e grafemas (codificar e decodificar), por este motivo o método fônico vem sendo aperfeiçoado e discutido nas últimas décadas.

Vale ressaltar que alguns defensores do construtivismo acreditam que o processo de decodificar não é relevante, pois para eles o processo de decodificar é apenas uma maneira de condicionar ou distrair a criança e o processo de leitura deve fazer com que a criança construa significados. Porém, segundo Oliveira (2019, p. 74), as evidências científicas mostram que o processo de decodificação tem sido “essencial para a formação do bom leitor”, pois ao decodificar palavras simples, os alunos vão se habituando a decodificar palavras mais complexas.

Esses estudiosos também acreditam que o método fônico não seja tão eficiente no Brasil quanto tem sido em outros países, de acordo com Salina (2015, p. 27): “um dos fatores é a relação entre as correspondências não é monogâmica, ou seja, uma letra pode ‘gerar’ mais de um som quando pronunciada (como é o caso da letra X ou da letra S), nesses casos a correspondência é chamada de poligâmica”. Essa é uma característica da língua portuguesa, há casos específicos de letras que tem o mesmo som. Porém, os defensores do método fônico contrapõem que os diferentes sons de uma mesma letra são explicados durante o processo de alfabetização, ou seja, os fonemas e as palavras consideradas irregulares são ensinados para os alunos de forma que eles compreendam que a mesma letra pode ter outros sons. Assim, consideram que o método fônico é o melhor para as crianças, jovens e adultos para compreender o princípio alfabético, pois ensina as letras, sua forma e os sons das mesmas, de forma simultânea.

Segundo especialistas em neurociência, outra vantagem é que, para a criança começar a ler, é necessário que o processo de decodificação chegue ao lado esquerdo do cérebro, o que pode ser obtido com mais rapidez no método fônico. Em concordância, Dahaene (2012, p.1) acredita que “o problema é que o cérebro precisa decodificar para ler, só consegue prestar atenção no significado quando a leitura ganha certa velocidade e que conseguimos isso muito mais rápido com o método fônico”.

Diante disso, entende-se que, quando o professor trabalha com as unidades menores e os seus respectivos sons, para assim construir as habilidades de leitura e escrita, está trabalhando direto com o lado esquerdo do cérebro, fazendo com que o processo de alfabetização seja mais rápido do que quando é trabalhado com o método global, por exemplo. Pois o método global trabalha com os significados das palavras e assim, está trabalhando com o lado direito do cérebro, tornando o processo de alfabetização mais lento (BARBOSA; SOUZA; 2017).

Além disso, o método fônico respeita o tempo do aluno, levando em consideração o seu desenvolvimento em cada etapa. Ao começar a trabalhar com unidades simples (fonemas) e seguir só quando as crianças dominarem o som de cada letra e seu nome, o professor respeita o desenvolvimento cognitivo das crianças para passar a trabalhar com a escrita das palavras. Dessa forma, o método trabalha de forma gradual cada habilidade necessária para ler e escrever. Vale ressaltar também que, mesmo o método fônico sendo considerado um método sistemático, pode ser trabalhado de forma lúdica, com jogos ou brincadeiras, assim o processo se torna interessante para as crianças, saindo um pouco da rotina (THADEU; 2020).

Ao ensinar a relação entre letras e seus respectivos sons, ou seja, trabalhar com o método fônico, as crianças desenvolvem a consciência fonológica e também na aquisição de leitura e escrita eles tem uma eficácia melhor comparado aos outros métodos. Educadores que trabalham com esse método acreditam que seja muito vantajoso na alfabetização de crianças disléxicas e adequado ao ensino regular de crianças que não tem distúrbios de leitura e escrita. Segundo os autores Sebra e Dias (2011, p. 311), isso ocorre porque “após dominar essas habilidades básicas de decodificação, o leitor possui os pré-requisitos necessários para desenvolver suas habilidades de leitura, necessitando basicamente da prática para alcançar fluência e automatismo”.

Diante dessas vantagens, acredita-se que o método fônico possa ser trabalhado com sucesso junto com o letramento e o construtivismo, já que as crianças tem um conhecimento prévio sobre a escrita e o som, antes mesmo de ingressar na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O fracasso escolar pode estar relacionado a vários fatores, por exemplo, problemas familiares, estresse pós-traumático, transtornos de aprendizagem, metodologia inadequada utilizada pelo professor, entre outros. Como parte de enfrentamento a esse imenso desafio da realidade educacional brasileira, professores, pesquisadores da área da educação e o governo vêm buscando meios de melhorar o ensino/ aprendizagem, principalmente na alfabetização,



uma vez que é a base da educação e, se não for concluída com sucesso, os alunos terão toda sua trajetória escolar prejudicada, e, no cenário nacional, seguirão as altas taxas de analfabetismo.

Alguns documentos brasileiros, como BNCC, PNE e PNA, expõem a importância da consciência fonológica na alfabetização, sendo um requisito indispensável para o desenvolvimento de qualquer método utilizado, por ser a base para a aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Estudos atuais também mostram que é preciso trabalhar com a consciência fonêmica - uma das habilidades principais no despertar da consciência fonológica - na alfabetização, para que os alunos compreendam com mais facilidade o princípio alfabético.

O método fônico pode ser considerado o mais adequado para se trabalhar na alfabetização, pois ele proporciona diversas habilidades importantes para o processo de alfabetização, por exemplo, a aquisição e desenvolvimento da consciência fonológica, auxilia na fluência da leitura, explicita de forma simples as relações grafofonêmicas, aborda as diversas formas de letra simultaneamente, melhora a compreensão de textos e aumenta o vocabulário. Alguns estudos mostram que a criança desenvolve melhor as habilidades necessárias para ler e escrever com o método fônico, pois o cérebro do indivíduo aprende mais rápido quando o aprendizado ocorre das partes para o todo.

É importante ressaltar que o indivíduo encontra-se o tempo todo em contato com a escrita, vivendo em um mundo propício ao letramento. Por esse motivo os alunos, antes de chegar à escola, adquirem um conhecimento prévio sobre a escrita, o qual os professores precisam levar em consideração, necessitando de uma metodologia que foque na linguagem escrita, nas práticas sociais e na realidade letrada.

Portanto, para que ocorra melhor eficácia do método fônico, é possível trabalhá-lo em uma perspectiva construtivista. Assim, o professor precisa trabalhar de forma que o aluno tenha uma interação com o mundo letrado, de forma lúdica, por meio de jogos e atividades que envolvam a leitura e escrita.

Este artigo pretende ter contribuído para uma reflexão sobre o processo de alfabetização, pensado em conjunto com o letramento, para o desenvolvimento de habilidades de ler, escrever, desenvolver autonomia e consciência crítica, proporcionando uma educação de qualidade para as crianças, jovens e adultos.

Cabe ainda ressaltar que, para que ocorra uma educação de qualidade, os professores têm que conhecer os métodos de alfabetização e seus benefícios, a fim de buscar o método que

possui a melhor eficácia de acordo com as necessidades de seus alunos, contribuindo assim para a diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, D. T.; SOUZA, N. N.; O método fônico sob a perspectiva neuropsicológica. **Revista da UNIFEBE**, Brusque., v. 1, n. 22, set/ dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/563/425>. Acesso em 15 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretária de Alfabetização. **Plano Nacional de Alfabetização**. Brasília, 2019, 54 p. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno\\_pna\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf). Acesso em 13 jun. 2021.
- CAPOVILLA, F. C., CAPOVILLA, A. G. S. **Alfabetização: Método Fônico**. São Paulo: Mennon, 2004.
- DAHEENE, S. **Os neurônios da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FRADE, I. C. S. **Métodos e Didáticas de Alfabetização: História, Características e Modos de Fazer de Professores**; Caderno Formador. Belo Horizonte: Ceale/ FAE/ UFMG, 2005. P. 21- 34.
- FRANCIOLI, F. A. S. Métodos de alfabetização: o que diz a proposta pedagógica e o que se faz na prática docente. *In*: Congresso Nacional de Educação, 11, 23 a 26/ 09/ 2013, Curitiba. **Anais [...]** Pontifca Universidade Católica do Paraná. Disponível: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7056\\_4106.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7056_4106.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021.
- JARDINI, R. S. **Método das Boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura e escrita**. Pulso: São José dos Campos, 2008.
- LIMA, E. M. S. et al.. **O uso do método fônico no processo de alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61786>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- MASCARELLO, L. J.; PEREIRA, M. A.; **As neurociências e a leitura: proposta Scliar de alfabetização**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 12, n. 27, 2014.
- MORTATTI, M. R. L. . A “política nacional de alfabetização” (Brasil, 2019): uma “guinada” (ideo) metodológica para trás e pela direita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, MG, v.1, n.10, p. 26-31. Jul./ Dez. 2019. Disponível em:

<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/issue/view/17>. Acesso em: 13 jun. 2021.

NICOLAU, A. A.; O que é consciência fonológica e como ela afeta a alfabetização?; set. 2020. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/educacao/o-que-e-consciencia-fonologica-e-como-ela-afeta-a-alfabetizacao/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NEVES, I. C. B., et al. Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas. 8 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

OLIVEIRA, J. B. A. (org.). **Educação infantil: novos caminhos**. Relatório do Seminário realizado pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, 3. ed. rev. 2019.

Relatório SAEB/ANA 2016: panorama do Brasil e dos estados. Brasília : **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2018. Disponível: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_saeb\\_ana\\_2016\\_panorama\\_do\\_brasil\\_e\\_dos\\_estados.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_saeb_ana_2016_panorama_do_brasil_e_dos_estados.pdf). Acesso em: 04 abr. 2021.

RICO, R. O que a BNCC propõe para a alfabetização?. **Nova escola**, 03 jan. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12195/o-que-a-bncc-propoe-para-a-alfabetizacao>. Acesso em: 08 abr. 2021.

SALINA, T. **As contribuições do método fônico nos anos iniciais de alfabetização**. 2015. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/128231>. Acesso em: 15 ago. 2021

SEBRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. Psicopedagogia**, 2011; p. 306-20. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/11.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago., p. 15- 21, 2003a.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio – Revista Pedagógica**, p. 96- 100, 29 fev. 2004a. Disponível: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, 2004b, n. 25. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

THADEU, V.; **Método fônico de alfabetização**: quais são os benefícios?; jun. 2020.  
Disponível em : <https://www.sistemamaxi.com.br/metodo-fonico-de-alfabetizacao-quais-sao-os-beneficios/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VARELLA, N. K. Fundamentos sociopsicolinguísticos e psicogenéticos da alfabetização. In: Saraiva, J. A. (Org.). **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZORZI, J. L.; CAPELLINI, S. A. **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita**: letras desafiando a aprendizagem. São José dos Campos: Pulso, 2009.